

resenha

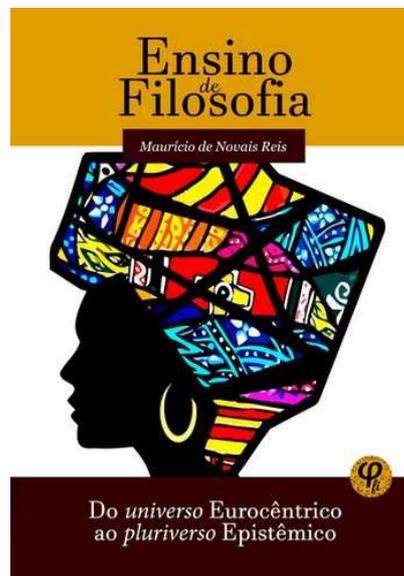
**A Filosofia Africana na sala de aula:
ensino antirracista e valorização da África**

REIS, Maurício de Novais. **Ensino de filosofia: do universo eurocêntrico ao pluriverso epistêmico.** Porto Alegre: Editora Fi, 2020, 212 p.

ELIANA RODRIGUES DE OLIVEIRA*

O livro *Ensino de filosofia: do universo eurocêntrico ao pluriverso epistêmico* apresenta uma discussão necessária sobre o ensino de filosofia na educação básica brasileira, demonstrando a força com que os traços eurocêntricos foram recepcionados pelos currículos oficiais, os quais desconsideram os temas, conceitos e autores oriundos de outras tradições de pensamento que não a europeia. Assim, o livro incursiona pela história da filosofia, empreendendo análises comparativas entre as investigações filosóficas africana e europeia, além de discutir as divergências concorrentes nas duas tradições de pensamento, sem, contudo, incorrer em hierarquizações, mas reconhecendo tais divergências apenas como fenômenos vinculados ao campo das diferenças legítimas.

Organizado em quatro capítulos, a obra começa examinando o *locus* de origem da filosofia. Para tanto, promove uma profícua comparação entre as



informações contidas nos livros didáticos – os quais apresentam a hipótese da origem grega como sendo inequívoca – e autores que indicam uma origem não europeia – na sua maioria defensores da hipótese da origem egípcia. Após apresentar os argumentos de filósofos que defendem as hipóteses da origem grega e egípcia, o livro sugere a hipótese da origem pluriversal, argumentando que a

filosofia constitui-se como atividade eminentemente humana independentemente da geopolítica, mas sustentada, antes, na capacidade epistemológica dos seres humanos. E tal capacidade não deveria, jamais, ser atribuída segundo o critério racial, tampouco segundo critérios geopolíticos.

Depois de problematizar as questões referentes à origem da filosofia, o capítulo seguinte incursiona pelo colonialismo no continente africano, objetivando demonstrar como a situação colonial produziu nos africanos

determinados aportes de consciência mediante as neotradições disseminadas no interior do continente. Ademais, o capítulo também analisa as concepções racialistas dos filósofos David Hume, Immanuel Kant, Friedrich Hegel e Lucien Lévy-Bruhl, os quais admitiram juízos preconcebidos a respeito dos africanos; juízos estes que fomentaram a expansão do eurocentrismo e a desvalorização dos africanos como sujeitos epistêmicos. Contudo, o capítulo apresenta ainda alguns sujeitos negro-africanos que, tendo estudado nas universidades europeias, obtiveram extraordinário êxito intelectual em suas respectivas áreas, como Anton Wilhelm Amo e James Africanus Horton. Na contramão do racismo impregnado no pensamento dos já referidos filósofos europeus, estes pensadores africanos demonstraram, a partir de suas próprias experiências acadêmicas, não haver qualquer distinção na capacidade intelectual dos negros em relação à capacidade dos brancos. Nesta perspectiva, evidenciaram o apelo racista daqueles filósofos europeus na medida em que atribuíam aos sujeitos não brancos a incapacidade natural de compreensão lógica, referindo-os como inferiores cognitivamente. Mesmo a ciência daquela época revestia-se desses preconceitos.

Já o terceiro capítulo dedica-se a apresentar panoramicamente o pensamento filosófico desenvolvido no continente africano, assim como suas diversas correntes de pensamento filosófico e paradigmas epistemológicos, tanto aqueles desenvolvidos no interior do continente como aqueles importados e adaptados à realidade epistêmica africana. As correntes filosóficas africanas são: Etnofilosofia, Filosofia Nacionalista – que inclui as diversas correntes ideológicas, como Pan-Africanismo, *Négritude*, Socialismo

Africano, além dos mais recentes conceitos, os quais o livro classifica no bojo da filosofia política africana, ainda que seus autores não as classifiquem desta forma: Cosmopolitismo e o Afropolitanismo – Filosofia Profissional, Filosofia Artística ou Literária, Filosofia Hermenêutica e os paradigmas Ubuntuísmo e Afrocentricidade. Todas são apresentadas didaticamente no decurso do livro.

No último capítulo, o autor empreende uma retomada da história da filosofia no solo brasileiro, desde sua chegada, demonstrando as rupturas ocorridas no decorrer do tempo. Além disso, promove uma análise dos dispositivos legais referentes à disciplina de filosofia, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de Filosofia (DCN), a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a Lei 10.639/2003, os editais e guias do Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD) de filosofia. Evidencia-se, desta forma, que a legislação referente à obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana, afro-brasileira e indígena não encontra ressonância no ensino de filosofia, dada sua ausência nos manuais didáticos, nas diretrizes curriculares e nos guias do PNLD.

Ensino de filosofia: do universo eurocêntrico ao pluriverso epistêmico finaliza com uma proposta curricular de filosofia pluriversal com sugestões de temas a serem abordados nas aulas de filosofia a fim de promover uma educação antirracista e, ao mesmo tempo, promover o diálogo entre as tradições europeia e africana sem as hierarquizações e assimetrias vigentes nos últimos quinhentos anos da história brasileira, que favoreceram a filosofia ocidental (europeia) como paradigma de pensamento. Na direção oposta, o livro

incentiva os professores de filosofia a debaterem em sala de aula, principalmente considerando o contingente de estudantes negros nas escolas públicas brasileiras, os pontos de contato de ambas as tradições a fim de proporcionar aos estudantes uma compreensão menos fragmentada da realidade epistemológica e do pensamento filosófico. Assim, o livro não aposta na segregação dos saberes, mas na sua convivência e complementação, como instrumentos de emancipação humana e combate ao racismo.

Não obstante seja apresentado como material introdutório, o livro cativa pela simplicidade e didatismo dos argumentos, podendo ser facilmente compreendido não somente pelos professores de filosofia do ensino médio – a quem é direcionado –, mas também pelos estudantes dessa etapa de escolarização. Além do mais, a versão digital do referido livro pode ser adquirido gratuitamente no *site* da editora (www.editorafi.org/777ensino), uma vez que o objetivo do autor, ao publicá-lo, é contribuir para o debate público a respeito da importância da multiplicidade de vozes no ensino de filosofia.

Trata-se, portanto, de uma obra necessária no combate ao racismo cujo recrudescimento certamente impõe aos intelectuais modernos a necessidade de se pensar as relações étnico-raciais na perspectiva da construção de uma

realidade pluralista (pluriversalista) de um mundo mais conectado, globalizado e compartilhado. Além do mais, reveste-se de relevância especial o fato de o livro trazer ao debate autores africanos que, até então, estavam completamente desconhecidos do público em geral e dos professores de filosofia, em particular. Estavam desconhecidos em decorrência tanto da falta de traduções à língua portuguesa como, principalmente, pela escassez de pesquisadores na área.

Além de todo o didatismo como que o livro é escrito, certamente o mérito da obra repousa no fato de fazer convergir duas tradições de perspectivas tão díspares, sem, contudo, incorrer na sobreposição de uma à outra, mas antes demonstrando os aspectos em que as reflexões africanas e europeias podem se entrecruzar de maneira a ampliar o campo de conhecimento e análise da realidade. Se esta obra é imprescindível para os professores de filosofia, não será menos imprescindível para todos aqueles cujo interesse volta-se para as questões próprias do conhecimento, porque no contexto do recrudescimento de grupos ideologicamente supremacistas, como testemunhado atualmente, o conhecimento mais uma vez torna-se uma arma indispensável no combate ao racismo.

A filosofia nunca foi tão necessária.

Recebido em 2020-07-16

Publicado em 2020-09-21



* **ELIANA RODRIGUES DE OLIVEIRA** é Advogada, Pedagoga e Mediadora Extrajudicial. Especialista em Direitos Humanos e Contemporaneidade (UFBA) e especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior (FAZAG). Membro da Comissão de Direitos Humanos da OAB/subseção de Teixeira de Freitas.